

## V - CONCLUSÃO

### 1. Síntese e resultados da pesquisa

Em nosso primeiro capítulo buscamos, num primeiro momento, identificar o contexto histórico de Qohélet. Há um certo consenso em situar este livro no período do domínio ptolomaico sobre a Palestina. No entanto, percebemos algumas posições de determinados estudiosos que ora situam o livro num período anterior – o período persa -, ora colocam-no num período mais tardio – a revolta dos macabeus. Essas posições apresentam um dado comum que é a aceitação de que o livro de Qohélet não pode ser colocado na época de Salomão, como se acreditou durante tanto tempo, seja pela tradição judaica seja pela tradição cristã. Em nossa averiguação constatamos que os dados apresentados pelo próprio Qohélet nos ajudam a situá-lo no período ptolomaico. Algumas questões que o livro apresenta são mais facilmente entendidas se nós o situamos neste contexto. No entanto a data exata do livro é uma questão que permanece em aberto. De certa forma, no momento não temos os elementos necessários para uma datação do livro de Qohélet.

Num segundo momento refletimos a respeito da história da pesquisa sobre Qohélet. Constatamos que desde o início ele foi um livro “polêmico”, mas sempre exerceu um fascínio muito grande sobre seus leitores. O primeiro grande desafio colocado para esta obra foi sobre sua aceitação ou não no cânon judaico. Alguns rabinos afirmavam que Qohélet “não manchava as mãos”; no entanto, a posição que sobressaiu foi a de que Qohélet é realmente um livro sagrado. De certo modo a discussão era se se tirava ou o não tal livro do conjunto dos livros considerados inspirados. Depois da definição da canonicidade de Qohélet a questão se concentrou em compreender sua mensagem. Durante um bom tempo o livro de Qohélet foi utilizado para justificar uma posição de desprezo para com o mundo. No entanto, já serviu também para justificar posições hedonistas, cétricas, pessimistas, otimistas, entre outras.

Logo em seguida, num terceiro momento, analisamos o processo de composição de Qohélet. Percebemos logo de início que esta questão está estreitamente ligada à resposta para questões a respeito da data, da língua, do

personagem Qohélet e outras questões específicas a respeito do livro. Durante muito tempo o livro de Qohélet foi entendido como obra de um único autor. Com o advento do método histórico-crítico, de um modo especial da crítica da forma, aplicada inicialmente ao Pentateuco por Welhausen, o livro chegou a ter a partir dessa análise, nove autores. As posições apresentadas atualmente parecem buscar um meio termo entre essas duas posições. De certo modo é muito difícil defender, ainda hoje, um único autor para Qohélet; embora alguns o façam com muito ardor. Por outro lado, não parece conveniente identificar um autor diferente para cada questão aparentemente contraditória que se apresenta em Qohélet.

No segundo capítulo analisamos o texto de Qoh 9,7-10. Inicialmente verificamos que o texto não apresenta problemas sérios de crítica textual. Quanto à delimitação do texto, constatamos que essa questão se encontra dentro de uma problemática muito maior: a definição da sua estrutura. Nesse sentido, percebemos uma primeira posição que defende que Qohélet não tem nenhuma estrutura. A segunda posição afirma que Qohélet tem uma estrutura. No entanto, não há naqueles que defendem essa posição uma uniformidade, visto que alguns defendem a hipótese de uma estrutura global, enquanto falam apenas de uma estrutura parcial.

De um certo modo, percebemos que todas as propostas de estrutura apresentadas para o livro de Qohélet permitem identificar uma unidade literária em Qoh 9,7-10. A análise da forma do texto corroborou com essa nossa afirmação. A análise dos elementos sintáticos e semânticos do texto mostrou claramente o contexto do hebraico tardio com muitas semelhanças com Daniel e com a Mishná. A determinação do sentido de alguns termos exigiu um esforço especial. De um modo especial o termo אשה (mulher) não pode ser compreendido sem olhar o contexto do livro de Qohélet.

Nossa análise redacional constatou que alguns termos, mesmo sendo usados em outros lugares da BH, adquirem em Qohélet um sentido especial. No entanto, percebemos que ainda falta muito para definir com clareza, o sentido de alguns termos aí utilizados. A análise do termo שמחה (alegria) na perícope em questão e no conjunto do livro nos levou a identificar o sentido apresentado por Qohélet para a vida humana.

Averiguando o modo como Qohélet usou os termos e construiu o texto percebemos com clareza a mensagem que ele quis transmitir. A análise das características literárias levou-nos a determinar o gênero literário de Qoh 9,7-10 como sendo uma exortação à vida feliz e ativa.

No terceiro capítulo desenvolvemos o tema do sentido em Qohélet abstraído da análise exegética de Qoh 9,7-10. Constatamos num primeiro momento que tem uma visão muito positiva a respeito da vida, ao contrário do que muitos defenderam e imaginaram. Ele analisou tudo o que acontece debaixo do sol e chegou à conclusão de tudo era הבל (vaidade). É realista ao constatar que prazeres, riquezas, sabedoria, poder e até uma vida piedosa são realidades passageiras, sopro de vento. Constata ainda, que a morte é uma realidade que toca a todos sem distinção; e, mais do que isso, chega à conclusão de que no שאול (sheol) não há nada, ou seja, para ele não existe a perspectiva de retribuição após a morte.

Diante disso, Qohélet não se desespera mas consegue encontrar um sentido para a vida humana. Esse sentido consiste em viver com alegria e viver com alegria consiste em comer com alegria e beber vinho contente, em vestir vestes brancas e perfumar a cabeça, e, em desfrutar a vida com a mulher amada. Assim podemos afirmar que Qohélet exorta à experiência com alegria das coisas simples e necessárias da vida, como comer e beber. Ele exorta à experiência da alegria na higiene em vista do convívio social. O desfrutar a vida com a mulher parece estar indicando para a convivência social.

Qohélet constatou que essa é a porção própria do ser humano e a recompensa por sua fadiga. No entanto, faz questão de afirmar que a possibilidade de experimentar o fruto do עמל (fadiga, trabalho) é dom de Deus. Viver com alegria é sinal da aprovação divina. Isso nos levou a perceber os motivos colocados por Qohélet para a experiência da vida com alegria: ela é dom de Deus, é a porção de cada um, a vida é breve e não temos conhecimento do futuro. Diante disso, chega à conclusão de que essa alegria não deve ser experimentada apenas em alguns momentos especiais, mas em todo o tempo, todos os dias.

Comparamos essa exortação de Qohélet com a exortação feita na Epopéia de Gilgameš e percebemos muitos elementos em comum: a constatação da

realidade da morte, a exortação a comer e beber, vestir, desfrutar a vida com a mulher amada. Esses elementos permitem afirmar até mesmo a possibilidade de que Qohélet tenha conhecido a Epopéia de Gilgameš. No entanto, Qohélet está situado dentro do contexto da tradição israelita e, nesse texto, expressa sua fé.

Comparamos também sua proposta com a proposta de felicidade apresentada pela filosofia epicurista. Percebemos como elementos comuns a experiência de um momento de crise da filosofia para Epicuro e da sabedoria tradicional israelita para Qohélet. Outro elemento comum era a preocupação pela vida. Para Qohélet o sentido da vida está na experiência da alegria e para Epicuro o prazer era o princípio e fim da vida feliz. No entanto, enquanto que para Qohélet a felicidade estava numa vida ativa, para Epicuro o prazer era considerado como a ausência de perturbação. O convite a gozar a vida parece ser o elemento comum entre Qohélet e Epicuro. No entanto, os dois seguem caminhos diferentes tanto no que diz respeito às razões para essa atitude, quanto na forma como experimentar esse gozo. Epicuro entende a morte como dissolução dos átomos e a privação total das sensações. Para Qohélet a possibilidade de se alegrar provém das mãos de Deus, enquanto que para Epicuro os deuses não se preocupam com os seres vivos ou com os seus afazeres.

## **2. Contribuições do trabalho e possível desenvolvimento ulterior do tema**

A reflexão sobre a vida humana sempre correu dois grandes riscos. O primeiro consiste em reduzi-la em algum de seus aspectos; e o segundo consiste em colocar o sentido da vida em algo que está fora dela.

O primeiro risco tem como conseqüência posições materialistas, hedonistas, pessimistas, entre outras. Nesse aspecto o problema surge na concentração exagerada num dos aspectos da vida humana e na redução da felicidade na experiência dos prazeres, na posse de riquezas, na experiência do poder, na obtenção do conhecimento ou mesmo em algum tipo de piedade religiosa. Nesse sentido Qohélet ajuda-nos a entender que essas realidades não são absolutas, mas passageiras. A mensagem de Qohélet é inovadora ao constatar que a vida é dom de Deus; no entanto, a melhor forma de temer a Deus é viver. Ele é um árduo defensor da liberdade divina diante do desejo humano de conhecer e manipular a divindade.

O segundo risco que corremos ao refletir sobre o sentido da vida é de tirar dela o foco da atenção e colocá-lo numa outra vida ou num outro mundo. Lembramos aqui que o livro de Qohélet foi usado, não poucas vezes, para levar as pessoas a uma atitude de desprezo da vida deste mundo em função da vida eterna. No entanto, para Qohélet não existe a perspectiva de prêmio após a morte. Sua mensagem exorta à valorização da vida por ela mesma, mesmo diante de todas as suas contradições.

A mensagem de Qohélet é bastante atual e pode nos ajudar a conseguir uma visão equilibrada. A vida é dom de Deus e tem sentido em si mesma. Corremos na atualidade o risco de reduzir o sentido da vida em algum de seus aspectos: prazeres, poder, riquezas, conhecimento. Para esses, Qohélet afirma que tudo é הַבַּל (vaidade) e que a vida é sempre mais. Para aqueles que procuram o sentido da vida fora dela Qohélet afirma que não há outra recompensa além desta. Mesmo para a reflexão cristã onde existe a perspectiva da ressurreição e da vida após a morte, a vida eterna não é entendida como uma ruptura total com esta vida, mas como o seu coroamento e como consequência das opções feitas nela.

É interessante observar que existe um vasto campo de questões em Qohélet que exigem aprofundamento. Ainda permanecem em aberto questões como a datação do livro, o contexto histórico, sobre o personagem Qohélet, sobre o processo de composição da obra e sua estrutura.

O nosso texto deixa algumas questões para ulteriores reflexões. Um primeiro questionamento que brota dessa análise é a relação entre Qohélet e a Festa dos Tabernáculos. Também merece um maior aprofundamento a compreensão de Qohélet a respeito do termo אִשָּׁה (mulher) em 9,9 e que relação este tem com as outras duas vezes em que o termo aparece no livro (7,26.28). É possível colocar a hipótese de que Qohélet estaria entendendo o “desfrutar a vida com a mulher amada” no sentido de uma relação fora do casamento visto que, diferentemente de Gilgameš, ele não faz referência ao filho?